



ORDO FRATRUM  
MINORUM

# Carta

**POR OCASIÃO DA  
MORTE DO PAPA  
FRANCISCO**

Fr. Massimo Fusarelli, OFM



A toda Ordem dos Frades Menores, às Irmãs Pobres de Santa Clara e às Monjas Concepcionistas, às Irmãs dos Institutos afiliados, aos leigos/as da nossa família.



Queridos Irmãos e Irmãs,

O Senhor vos dê a paz!

Dirijo-me a todos vós com o coração comovido e grato, no momento em que a Igreja e o mundo inteiro lamentam a morte do Papa Francisco, o primeiro Pontífice da história a ter escolhido o nome do nosso Pai Seráfico. Esta escolha, feita precisamente na noite da sua eleição, revelou desde o início a orientação do seu pontificado: um retorno sempre novo à simplicidade evangélica, à Igreja próxima dos pobres, ao primado da misericórdia e do encontro com cada pessoa humana.

“Enfermidade e tribulação” visitaram com força o Papa Francisco neste último período, deixando-nos ver como vai ao encontro da “Irmã Morte” um cristão e um pastor: uma preciosa testemunha em nosso tempo que espetaculariza e tende a negar a doença e a morte: com paciência e em tudo louvando o Altíssimo e bom Senhor. Também por isto lhe somos gratos!

## **Um nome profético que se tornou programa**

Todos nós nos lembramos das palavras com as quais o Papa Francisco explicou a sua escolha de nome: “Francisco, o homem da pobreza, o homem da paz, o homem que ama e cuida da criação”. Esta tríplice dimensão foi constantemente manifestada ao longo de seu ministério petrino. Não foi uma simples homenagem ao Santo de Assis, mas um verdadeiro programa de vida e pontificado, um retorno à essencialidade do Evangelho que tanto caracterizou o caminho do Poverello.

## **O Evangelho *sine glossa***

No cerne da palavra e da ação do Papa Francisco estava uma leitura imediata e direta do Evangelho, a mesma que levou Francisco de Assis a dizer: “É isto que eu quero, é isto que eu procuro, é isto que eu desejo fazer no íntimo do coração”. Vimos no Santo Padre aquela capacidade de captar a essência do anúncio evangélico sem superestruturas, sem compromissos com as lógicas mundanas, com uma imediatez que tocava diretamente o coração das pessoas.

A espiritualidade inaciana, que formou o Papa, estava maravilhosamente entrelaçada com a sensibilidade franciscana na atitude contemplativa em relação à Palavra de Deus, na capacidade de “ver e tocar” a carne de Cristo nos pobres e sofredores de todos os tipos, na busca constante da vontade de Deus através do discernimento.



## Um magistério de raízes franciscanas

O magistério do Papa Francisco alimentou-se de não poucas intuições franciscanas, ampliando-as e atualizando-as para o nosso tempo. As duas Cartas Encíclicas com títulos explicitamente franciscanos - *Laudato Si'* e *Fratelli tutti* - são a sua expressão mais completa, mas todo o corpus dos seus ensinamentos é permeado por esta sensibilidade.

Na *Laudato Si'*, o Papa retomou a visão cósmico-relacional do Cântico das Criaturas, onde Francisco de Assis reconhece a fraternidade com todas as criaturas, chamando-as “irmãs” e “irmãos”. Esta visão foi desenvolvida na ecologia integral, que reconhece a profunda interconexão entre o ambiente natural, a sociedade humana e a dimensão espiritual. O “tudo está interligado” da encíclica ecoa aquele “tudo é relação” que o Poverello viveu em relação à criação. A exortação apostólica *Querida Amazônia* continua esta linha, estendendo a solicitude franciscana com as criaturas à defesa das culturas indígenas e de seus territórios.

Em *Fratelli tutti*, o Papa se inspirou na experiência de Francisco com o Sultão, propondo a “amizade social” como paradigma para o nosso tempo: o encontro desarmado com o outro, a capacidade de reconhecer o irmão além de qualquer barreira religiosa ou cultural. Mas também retomou a intuição de Francisco da fraternidade universal, da justiça como dimensão do amor e da reconciliação que nasce da minoridade. O “bom samaritano” desta encíclica nos remete ao Francisco que abraça o leproso, reconhecendo nele não só um irmão, mas o Cristo sofredor.

Também em outras Cartas como *Evangelii Gaudium* e *Gaudete et Exsultate*, encontramos temas profundamente franciscanos: a alegria que vem do encontro com o Evangelho, a simplicidade como caminho para a santidade, a misericórdia como nome de Deus, a predileção pelos pobres como critério de verdade evangélica. Até mesmo a Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* recorda aquela dimensão de amor verdadeiro, terno e concreto que caracterizou Francisco na sua relação com cada pessoa.

Não podemos esquecer, além disso, como a Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, *Misericordiae vultus*, evoque a experiência de Francisco que no encontro com o leproso descobre o rosto misericordioso de Deus. Ou como a carta *Admirabile signum* sobre o significado do presépio traga à memória o Natal de *Greccio*, onde Francisco queria «ver com os olhos do corpo» a pobreza e a humildade da Encarnação.

Todo esse magistério se traduz em uma visão de Igreja que nos recorda bem de perto aquela primitiva fraternidade franciscana: uma Igreja em saída, não autorreferencial, pobre e para os pobres, que busca restaurar a dignidade dos descartados, que se torna “hospital de campanha” para curar as feridas da humanidade, em vez de



uma fortaleza inabalável em suas próprias seguranças. Podemos dizer que a visão de Igreja como povo de Deus peregrino na história, amadurecida com o Concílio Vaticano II, encontrou no nosso falecido Santo Padre uma testemunha e um artífice convicto e corajoso.

## Gestos que falam no silêncio dos paradoxos

Como o nosso Seráfico Pai, também o Papa Francisco teceu o seu pontificado com gestos que são parábolas vivas, linguagem sem palavras que nos convida a olhar para além da aparência. Em sua mão estendida para o homem desfigurado pela neurofibromatose, ele não inverteu talvez os cânones da beleza, mostrando que o rosto autêntico é aquele que sabe encontrar a fragilidade? Quando foi a Lampedusa e Lesbos, não transformou as periferias geográficas em centros espirituais, fazendo dos migrantes rejeitados os mestres de uma nova geografia do coração? E os seus pés que, lavando os dos prisioneiros, revelaram o paradoxo evangélico pelo qual aquele que serve é maior do que aquele que é servido?

Na sua figura solitária em oração numa Praça de São Pedro deserta, não demonstrou que o vazio pode ser mais eloquente do que a multidão, que a distância imposta pode gerar uma nova proximidade espiritual? Nestes gestos encontramos o eco de Francisco que abraça aquilo de que todos fogem, que vai desarmado lá onde todos vão com as armas, que fala aos pássaros quando os homens não querem escutar.

E a escolha de viver em Santa Marta? Não é uma maneira de nos dizer que a proximidade e a simplicidade são de grande valor? Ou de ele entrar em vans quando o protocolo prevê outros carros? Não nos ensina assim que a verdadeira segurança está na vulnerabilidade compartilhada? A sua linguagem direta, enfim, não nos mostra que a profundidade autêntica não precisa de palavras complicadas, mas daquela simplicidade que, como disse nosso Pai Francisco, é «irmã da sabedoria»?

A linguagem do Papa Francisco, imediata, concreta, às vezes até coloquial, recordou-nos a pregação de São Francisco, que utilizava imagens simples, parábolas compreensíveis, gestos eloquentes para chegar ao coração das pessoas. Como o Poverello que pregava aos pássaros e compunha canções em vulgar, o Papa Francisco foi capaz de encontrar formas de comunicação que pudessem atravessar as barreiras sociais e culturais.

Seus neologismos (“misericordiar”, “primeirear”), suas metáforas pastorais (a Igreja como “hospital de campanha”), suas imagens eficazes (os pastores que “têm o cheiro das ovelhas”) deram um novo frescor ao anúncio evangélico de sempre, tornando-o mais acessível à sensibilidade contemporânea.



## Uma espiritualidade enraizada no encontro

Nas várias mensagens que o Papa Francisco dirigiu à nossa Família Franciscana durante o seu pontificado, emerge claramente aquilo que ele mesmo considerava o coração da espiritualidade do nosso Seráfico Pai. No seu discurso à Coordenação Eclesial para o VIII Centenário Franciscano, a 31 de outubro de 2022, afirmou: «Francisco é o homem da paz, o homem da pobreza, o homem que ama e celebra a criação; mas qual é a raiz de tudo isto, qual é a fonte? Jesus Cristo. É um enamorado de Jesus Cristo que, para segui-lo, não tem medo de ser ridículo, mas vai em frente. A fonte de toda sua experiência é a fé».

Esta fé tem o seu coração palpitante no encontro com Cristo crucificado e ressuscitado, e manifesta-se concretamente no encontro com os pobres. Como nos recordou o Santo Padre na sua mensagem ao nosso Capítulo Geral de 2021: «Renovar a própria visão: foi isto que aconteceu ao jovem Francisco de Assis. Ele próprio o atesta, contando a experiência no seu Testamento, que coloca no início da sua conversão: o encontro com os leprosos, “quando o que era amargo se transformou em doçura de alma e de corpo”. Nas raízes da vossa espiritualidade está este encontro com os últimos e os sofredores, no sinal do ‘fazer misericórdia’. Deus tocou o coração de Francisco através da misericórdia oferecida ao irmão, e continua tocando os nossos corações através do encontro com os outros, especialmente com as pessoas mais necessitadas».

Estas palavras iluminam a dimensão cristológica da opção pelos pobres em Francisco de Assis e no Papa Francisco. Para ambos, o encontro com os pobres não é uma atividade entre outras, mas a experiência fundacional da própria conversão, o lugar teológico onde o próprio Cristo se revela. O pobre é «um sinal, quase um sacramento da presença de Deus», como disse o Papa, e o encontro com ele é capaz de transformar “em doçura de alma e corpo” a amargura da existência.

Assim como ao Santo de Assis, também para o Papa Francisco esta atenção aos pobres abre novos caminhos para a mesma compreensão da fé. Os pobres tornam-se, assim, não só destinatários da nossa caridade, mas também nossos mestres espirituais que nos evangelizam. «Os pobres nos salvam», repetiu muitas vezes o Pontífice, porque eles nos separam da autorreferencialidade, da ilusão de auto-suficiência, da idolatria da riqueza, e nos levam de volta ao essencial do Evangelho.

A sua instituição do Dia Mundial dos Pobres, a criação das “Sextas-feiras da Misericórdia” durante o Jubileu extraordinário, a atenção às “periferias existenciais” foram expressões concretas desta visão profundamente cristã da opção pelos pobres. Nos seus gestos de ternura para com os doentes, os presos, os migrantes, os sem-teto, os deficientes, os idosos abandonados, o Papa Francisco mostrou que a verdadeira reforma da Igreja passa necessariamente pelo encontro com Cristo nos



pobres, exatamente como a autêntica conversão de Francisco de Assis começou com o abraço do leproso.

“Não amemos com palavras, mas com obras”, recordou-nos constantemente, porque é no encontro concreto com os pobres que a nossa fé se purifica, se aprofunda e transforma-se em autêntico seguimento de Cristo pobre e crucificado.

## Os “lugares” franciscanos no itinerário espiritual do Papa Francisco

No seu discurso para o Centenário Franciscano, o Papa Francisco delineou um itinerário espiritual inspirado nos lugares que marcaram a vida de São Francisco e que também marcaram profundamente o seu pontificado.

A primeira etapa é Fonte Colombo, o lugar da Regra, junto com Greccio, o lugar do Presépio. Aqui o Papa viu «um poderoso convite a redescobrir na encarnação de Jesus Cristo o ‘caminho’ de Deus». A Encarnação esteve realmente no centro do magistério do Papa Francisco, que sempre insistiu na concretude da fé cristã, na sua capacidade de “tocar a carne” do homem sofredor, recusando qualquer espiritualismo desencarnado.

A segunda etapa refere-se ao Alverne, o lugar dos estigmas, que representa «o último selo’ que torna o Santo semelhante ao Cristo crucificado e capaz de penetrar nas vicissitudes humanas, radicalmente marcadas pela dor e pelo sofrimento». Este mistério da Cruz, que Francisco carregou impresso na sua própria carne, esteve também no centro da pregação e da ação pastoral do Papa Francisco, que sempre procurou levar a consolação de Cristo aos crucificados da história.

Por fim, Assis, com o trânsito de Francisco à Porciúncula, que «revela o essencial do cristianismo: a esperança da vida eterna». É significativo que o Papa Francisco tenha escolhido fazer a sua primeira viagem apostólica a Assis, e que lá tenha voltado muitas vezes, para enfatizar como a esperança cristã nasce precisamente da pobreza evangélica, do desapego que nos torna livres porque somos totalmente confiados a Deus.

Neste itinerário espiritual, que vai da Regra aos Estigmas até ao Trânsito, podemos ver uma síntese perfeita do caminho que o Papa Francisco propôs à Igreja durante o seu pontificado: um retorno contínuo à pureza evangélica, passando pela conformação a Cristo crucificado, para alcançar a plenitude da esperança cristã.



## O futuro que o Papa Francisco sonhava para nós

Na sua mensagem ao nosso Capítulo Geral de 2021, o Santo Padre exortou-nos a não nos deixarmos vencer pelo desânimo diante dos desafios que a Ordem está enfrentando em muitas partes do mundo: «Enquanto em boa parte da Ordem enfrentais os desafios de declínio numérico e do envelhecimento, não deixeis que a ansiedade e o medo vos impeçam de abrir os corações e as mentes à renovação e à revitalização que o Espírito de Deus suscita em vós e entre vós. Tendes uma herança espiritual de inestimável riqueza, enraizada na vida evangélica e caracterizada pela oração, fraternidade, pobreza, minoridade e itinerância».

E concluiu com estas palavras que hoje queremos acolher como um testamento espiritual:

*«Que o Altíssimo, Onipotente, Bom Senhor vos faça ser e tornar-se cada vez mais testemunhas credíveis e alegres do Evangelho; conceda-vos levar uma vida simples e fraterna; e vos conduza pelas estradas do mundo a lançar a semente da Boa Nova com fé e esperança».*

Estas palavras ressoam hoje como um convite a não nos encerrarmos na nostalgia de um passado que não voltará, nem nos deixarmos paralisar pelo medo de um futuro incerto, mas a vivermos plenamente o presente com a criatividade e a ousadia que o Espírito nos dá. Este é o mais belo modo de honrar a herança espiritual que o Papa Francisco nos deixa: sermos homens e mulheres de esperança, capazes de ver além das dificuldades do momento presente para perceber os sinais da presença de Deus na história.

Como nos recordou no seu discurso para o Centenário Franciscano, referindo-se às palavras de frei Masseo a Francisco: «Por que o mundo inteiro vai atrás de ti, e parece que todos desejam ver-te, ouvir-te e obedecer-te?». Para encontrar uma resposta, disse o Papa, é preciso colocar-se na escola do Poverello, encontrando na sua vida evangélica o caminho para seguir os passos de Jesus. Concretamente, significa escutar, caminhar e anunciar até às periferias».

## Uma lição para nós franciscanos

A vida e o magistério do Papa Francisco representam para nós, franciscanos, um poderoso chamado a redescobrir a essencialidade do nosso carisma, a voltar ao coração do Evangelho, a viver com maior autenticidade nossa vocação de irmãos e menores.



O seu exemplo convida-nos a uma contínua conversão, a sair da nossa própria segurança para ir ao encontro dos outros, especialmente dos mais pobres, a abraçar com coragem os desafios do nosso tempo, a ser promotores de paz num mundo dilacerado, a valorizar a criação como nossa casa comum.

Neste momento de dor, mas também de profunda gratidão, assumamos esta herança espiritual que nos é transmitida, comprometendo-nos a vivê-la com renovado entusiasmo nas nossas fraternidades e ministérios.

## **Conclusão: com Maria rumo ao futuro**

Ao confiarmos a alma do Papa Francisco à misericórdia do Pai, não podemos esquecer outra característica fundamental que o Pontífice e o Santo de Assis compartilhavam: o amor filial pela Virgem Maria. Como Francisco, que a saudou como “Virgem feita Igreja” e “Palácio, Tabernáculo e Morada” do Senhor, também o Papa Francisco manifestou uma devoção repleta de ternura para com Aquela que “fez nosso irmão o Senhor da majestade” (São Boaventura, *Legenda Maior* 3).

No seu ministério, o Papa recordou constantemente a centralidade de Maria na história da salvação, não como figura acessória, mas como protagonista ativa do desígnio divino. Peregrinou a muitos santuários marianos, desde o primeiro dia do seu pontificado em Santa Maria Maior, passando por Fátima, Loreto, Aparecida e muitos outros lugares de devoção mariana no mundo.

A sua oração diante do ícone de Maria “*Salus Populi Romani*” (“Salvação do Povo Romano”) antes e depois de cada viagem apostólica recorda o gesto de Francisco que, antes de morrer, quis ser levado a Santa Maria dos Anjos. Em ambos vibra aquela total entrega à Mãe que caracterizou os nossos mais autênticos Santos.

Papa Francisco sublinhou muitas vezes como em Maria encontramos a síntese daquilo que somos chamados a ser como Igreja: acolhedora, geradora, contemplativa, missionária. A sua exortação “Igreja em saída” ressoa como um eco do “*Magnificat*”, onde Maria, depois de ter acolhido o Verbo, “levantou-se e foi apressadamente” levar Jesus a Isabel. Este dinamismo missionário de Maria é o mesmo que Francisco de Assis encarnou na sua vida itinerante e que o Papa propôs como modelo para a Igreja do nosso tempo.

A mariologia do Papa Francisco, como a do Poverello, nunca é desencarnada ou sentimental, mas profundamente cristocêntrica e eclesial. Maria é a “primeira discípula”, aquela que guarda a Palavra e caminha na fé; ela é a “Mãe da Igreja” que gera continuamente novos filhos na dor ao pé da Cruz; ela é a “Estrela da evangelização” que guia os nossos passos no anúncio do Evangelho até aos confins da terra.



Ao confiarmos toda a vida e obra apostólica do Papa Francisco à misericórdia do Pai, peçamos ao Senhor, por intercessão de Maria Imaculada, Rainha da Ordem, e do nosso Pai Seráfico, que suscite em sua Igreja pastores segundo seu coração, capazes de guiar o povo de Deus com a mesma sabedoria evangélica, com a mesma compaixão pelos que sofrem, com o mesmo amor apaixonado por Cristo que vimos brilhar neste grande Pontífice.

Com a bênção seráfica,



*Fr. Massimo Fusarelli OFM*

Fr. Massimo Fusarelli OFM

*Ministro Geral*

*Prot. 114160/MG-72-2025*



ORDO FRATRUM  
MINORUM

**Curia Generalis**

Via di S. Maria Mediatrix, 25

00165 Roma, Italia

[www.ofm.org](http://www.ofm.org)